

A JERUSALÉM CELESTE:

VISÕES MÍSTICAS, CABALÍSTICAS E MAÇÔNICAS

I. A Cidade que Desce dos Céus - Introdução ao Símbolo

A Jerusalém Celeste é um dos símbolos mais densos e polissêmicos de toda a tradição espiritual ocidental. Ela aparece pela primeira vez de forma explícita no capítulo 21 do Apocalipse de João, onde é descrita como uma cidade santa que desce do céu, adornada como uma noiva para o seu esposo. Mas o que à primeira vista parece apenas uma imagem escatológica, um final glorioso para a história da salvação revela-se, sob exame mais atento, um constructo simbólico de extraordinária complexidade, que atravessa séculos e tradições, acumulando camadas de significado que vão da mística judaica à alquimia, da Cabala à Maçonaria, do hermetismo ao rosacrucianismo.

A Jerusalém Celeste não é apenas um lugar. É, simultaneamente, um estado de consciência, um arquétipo cósmico, um projeto iniciático, uma chave de leitura da estrutura do universo e um mapa da jornada da alma. Cada tradição que a aborda projeta sobre ela sua própria gramática simbólica, e é justamente essa multiplicidade de leituras aparentemente divergentes em sua superfície, mas profundamente convergentes em sua essência, que torna o estudo da Jerusalém Celeste um dos empreendimentos mais fascinantes da investigação esotérica.

II. A Visão Bíblico-Mística: O Apocalipse e a Nova Criação

2.1. O Texto Fundador

A descrição canônica da Jerusalém Celeste encontra-se em Apocalipse 21–22. O texto descreve a cidade com uma precisão quase arquitetônica: ela tem doze portas, cada uma feita de uma pérola única; seus muros são construídos sobre doze fundamentos, nos quais estão escritos os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro; a cidade é quadrada, com a largura, o comprimento e a altura iguais, doze mil estádios em cada dimensão. Seus muros são de jaspe, a cidade é de ouro puro como vidro límpido, e as fundações são adornadas com doze pedras preciosas: Jaspe; Safira; Calcedônia; Esmeralda; Sardônica; Sárdio; Crisólito; Berilo; Topázio; Crisópraso; Jacinto e Ametista.

Não há templo na cidade, "porque o Senhor Deus Todo-Poderoso é o seu templo, e o Cordeiro". Não há sol nem lua, "porque a glória de Deus a ilumina, e o Cordeiro é a sua lâmpada". Um rio de água da vida flui do trono de Deus, claro como cristal, e em suas margens está a Árvore da Vida, que produz doze frutos, um para cada mês, e cujas folhas são para a cura das nações.

2.2. Dimensões Simbólicas

A leitura mística desse texto não o toma como descrição literal de uma cidade futura, mas como um mapa simbólico cuja geometria encerra significados precisos. O cubo perfeito, altura, largura e profundidade iguais, remete ao Santo dos Santos do Templo de Salomão, que também era um cubo (1 Reis 6:20). A Jerusalém Celeste é, assim, apresentada como um Santo dos Santos cósmico, uma expansão do espaço mais sagrado do Templo para abranger toda a criação.

As doze portas, voltadas para os quatro pontos cardeais (três portas por lado), estabelecem uma correspondência com os doze signos zodiacais e com os doze meses do ano, sugerindo que a cidade cósmica integra em si os ritmos do tempo e as forças dos céus. As doze pedras preciosas dos fundamentos correspondem, na tradição mística, às doze tribos de Israel e, simultaneamente, às pedras do Urim veTumim do Sumo Sacerdote (Êxodo 28:17-20), criando uma ponte entre o sacerdócio levítico e a nova ordem celeste.

2.3. A Noiva e o Esposo

A imagem da cidade como noiva adornada para o esposo (Apocalipse 21:2) introduz uma dimensão nupcial que perpassa toda a mística cristã. A Jerusalém Celeste é a alma humana purificada, transfigurada, que se une ao divino em um matrimônio místico. Essa leitura é desenvolvida especialmente por Santo Agostinho, em *A Cidade de Deus* e depois pela tradição mística medieval de Santa Teresa d'Ávila a São João da Cruz.

Para essa tradição, a Jerusalém Celeste não é uma promessa para depois da morte, mas uma realidade que pode ser antecipada e vivida na experiência mística. A descida da cidade do céu (Apocalipse 21:2) é interpretada como a descida da graça divina na alma contemplativa que, através da purificação (via purgativa), da iluminação (via iluminativa) e da união (via unitiva), se torna ela mesma uma cidade santa, habitada por Deus.

2.4. A Ausência do Templo

O detalhe de que não há templo na Jerusalém Celeste é teologicamente explosivo. Ele significa que a mediação sacerdotal, o sistema sacrificial, o ritual, a separação entre sagrado e profano foi superada. Na cidade celeste, tudo é sagrado, tudo é templo, porque Deus habita tudo diretamente. Essa abolição do templo tem implicações profundas para a tradição maçônica, como veremos: o Templo de Salomão, centro da simbologia maçônica, é simultaneamente construído e superado, na medida em que a Jerusalém Celeste representa o templo espiritual e interior que substitui o templo de pedras.

III. A Visão Cabalística: As Sephirot e a Arquitetura Divina

3.1. A Cidade como Árvore da Vida

Para a Cabala, Deus em si mesmo, o *Ein Sof*, o Infinito é absolutamente incompreensível e inacessível. Entre o *Ein Sof* e a criação, há as dez Sephirot, dez emanções ou vasos divinos através dos quais a luz infinita se contrai, se diferencia e se torna acessível. Essas dez Sephirot, organizadas em uma Árvore da Vida, formam um mapa da arquitetura divina.

A Jerusalém Celeste, na leitura cabalística, é a manifestação cósmica da Árvore da Vida. As doze portas da cidade correspondem às doze combinações das letras do Nome Divino (o Tetragrammaton - YHVH), que são os canais de comunicação entre as Sephirot. Os doze fundamentos correspondem às doze faces da realidade divina que sustentam a manifestação. A cidade quadrada, com suas dimensões iguais, expressa a perfeição geométrica das Sephirot, dispostas em três colunas da Misericórdia, do Rigor e do Equilíbrio, que formam um padrão simétrico.

3.2. A Jerusalém de Cima e a Jerusalém de Baixo

A tradição cabalística distingue entre a Jerusalém terrena (a *Jerusalem shel matah*) e a Jerusalém celestial (a *Jerusalem shel ma'alah*). Essa distinção já está presente no Talmud (Taanit 5a): "Não como a Jerusalém terrena é a Jerusalém celestial. A terrena é de pedra e madeira; a celestial é de fogo e luz. A terrena é habitada por seres de carne e sangue; a celestial é habitada por anjos e almas justas."

Para os cabalistas, a Jerusalém celestial não é apenas uma contraparte espiritual da cidade terrena; ela é sua matriz ontológica. A Jerusalém terrena existe porque a celestial existe. A cidade de baixo é um reflexo, uma sombra projetada, uma manifestação densa do arquétipo celeste. Isso tem uma implicação prática: o trabalho de restauração da Jerusalém terrena, seja no sentido literal (a esperança messiânica de reconstruir o Templo) seja no sentido espiritual (o *tikkun olam*, a reparação do mundo) é simultaneamente o trabalho de construção da Jerusalém celestial.

3.3. As Portas e os Nomes Divinos

Os cabalistas também associam as doze portas da Jerusalém Celeste aos doze nomes de Deus revelados nas Escrituras, cada um correspondendo a uma qualidade divina específica. Esses nomes são, por sua vez, associados às doze tribos de Israel, cada qual manifestando uma faceta diferente da aliança divina. A entrada pela porta, na simbólica cabalística, não é apenas um movimento espacial, mas uma iniciação: passar por uma das doze portas significa incorporar uma das doze qualidades divinas, entrar em ressonância com um dos doze aspectos do Nome.

Essa leitura tem paralelos na tradição maçônica, onde as "portas" do Templo e especialmente os pilares Jakin e Boaz representam passagens iniciáticas, momentos de transformação da consciência. A diferença é que, na Cabala, as portas são doze,

correspondendo a uma circunferência completa do zodíaco espiritual, enquanto na Maçonaria o simbolismo se concentra em duas ou três portas principais. Mas a estrutura fundamental a passagem do profano ao sagrado através de uma porta que é também um nome divino, é a mesma.

3.4. O Rio e a Árvore

O rio de água da vida que flui do trono de Deus (Apocalipse 22:1) é identificado, na leitura cabalística, com o fluxo de luz divina (*Shefa*) que desce do Ein Sof através das Sephirot. Esse rio é a corrente de graça que sustenta toda a criação. A Árvore da Vida que cresce em suas margens é, evidentemente, a própria Árvore sefirótica: os doze frutos que ela produz, um para cada mês, correspondem às doze configurações das Sephirot ao longo do ciclo do tempo cósmico.

A associação entre a Árvore da Vida do Apocalipse e a Árvore da Vida da Cabala é uma das convergências mais notáveis entre a mística cristã e a mística judaica. Ambas descrevem a mesma realidade: a estrutura viva, orgânica, frutífera da divindade manifestada, que nutre e cura a criação. As folhas da árvore "para a cura das nações" (Apocalipse 22:2) correspondem, na Cabala, à função terapêutica das Sephirot, que curam a criação reintegrando suas partes fragmentadas.

IV. A Visão Maçônica: O Templo Interior e a Cidade Cósmica

4.1. O Templo de Salomão como Arquétipo

A Maçonaria tem no Templo de Salomão seu símbolo arquitetônico central. A narrativa da construção do Templo (como relatada em 1 Reis 5-8 e 2 Crônicas 2-7) fornece o cenário simbólico dentro do qual se desenrola todo o drama iniciático da ordem. Hiram Abif, o mestre construtor assassinado por se recusar a revelar os segredos da maestria, é o herói-mártir cuja morte e cuja exaltação dramatizam a jornada da alma da ignorância à iluminação.

Mas a Maçonaria não se limita a celebrar o Templo de Salomão como um edifício histórico. O Templo é, antes de tudo, um símbolo do templo interior, o templo da alma humana, que cada maçom é chamado a construir, polindo a pedra bruta de sua própria natureza. A construção do Templo é a obra de uma vida; a pedra angular, a pedra de fundação, os pilares, o Santo dos Santos, todos esses elementos arquitetônicos são projeções de estados interiores de consciência.

Nesse contexto, a Jerusalém Celeste aparece na simbologia maçônica como o ápice desse processo de construção. Se o Templo de Salomão é o símbolo do trabalho em andamento a obra inacabada que cada maçom continua, a Jerusalém Celeste é o símbolo da obra consumada, o Templo perfeito que desce do céu quando o trabalho terrestre está completo. A passagem do Templo de Salomão à Jerusalém Celeste é a

passagem da iniciação à realização, do símbolo à realidade, da pedra polida à cidade de ouro.

4.2. A Pedra e a Cidade

A Maçonaria opera com uma dialética entre a pedra e a cidade. O trabalho do maçom é, em sua expressão mais elementar, o trabalho sobre a pedra: a pedra bruta que deve ser transformada em pedra cúbica, perfeitamente talhada e polida, pronta para ser assentada no edifício. Cada maçom é uma pedra viva do Templo.

Mas a pedra, por si só, não é o Templo. O Templo emerge da disposição harmoniosa de múltiplas pedras, cada uma em seu lugar, contribuindo para o todo. A Jerusalém Celeste é o edifício completo, a totalidade orgânica de todas as pedras polidas e assentadas. Na linguagem da Primeira Epístola de Pedro (2:5), os cristãos são "pedras vivas" que são edificadas como "casa espiritual" uma imagem que a Maçonaria faz sua, universalizando-a para além de qualquer confissão religiosa específica.

A cidade de ouro puro, transparente como vidro (Apocalipse 21:18), representa a transparência final da consciência, o estado em que nada mais é opaco, nada mais é obscuro, tudo é luminoso e refletivo. O ouro, metal solar por excelência, simboliza a natureza divina transfigurada; o vidro, a clareza da visão mística. A cidade toda de ouro e vidro é a consciência coletiva da humanidade redimida, onde cada pedra cada alma resplandece com a luz do Todo.

4.3. O Rito Adonhiramita e a Jerusalém Celeste

Aqui, a jornada iniciática é estruturada como uma progressão arquitetônica: o candidato começa no pórtico do Templo, atravessa as colunas Jakin e Boaz, penetra no Santo lugar, e finalmente alcança o Santo dos Santos. Cada grau corresponde a uma câmara do Templo, e a progressão através dos graus é uma progressão através dos espaços sagrados.

A Jerusalém Celeste, na simbologia adonhiramita, é o Santo dos Santos cósmico, o espaço mais interior, mais sagrado, mais íntimo da divindade, que se torna acessível quando o Templo terreno é completado e transcendido. A Cruz de Santo André, que ocupa um lugar significativo na iconografia adonhiramita, representa precisamente esse entrelaçar de caminhos, esse ponto de interseção entre o terrestre e o celeste, entre o humano e o divino, entre o Templo construído pelas mãos e a Cidade que desce do céu.

O X da cruz de Santo André pode ser lido como o encontro dos dois eixos cósmicos: o eixo vertical (céu-terra) e o eixo horizontal (espaço-tempo), que se cruzam no coração do iniciado. Esse ponto de cruzamento é o centro da Jerusalém Celeste, o trono de Deus e do Cordeiro de onde flui o rio da vida. A cruz, nesse sentido, não é apenas o instrumento do martírio de André, mas o diagrama do mistério da encarnação divina na alma humana.

V. A Visão Hermética e Alquímica: A Transmutação como Construção da Cidade

5.1. O Ouro e a Cidade de Ouro

A alquimia, em sua leitura da Jerusalém Celeste, parte de um detalhe aparentemente menor da descrição apocalíptica: a cidade é de ouro puro, transparente como vidro (Apocalipse 21:18). Para os alquimistas, esse verso é uma descrição precisa da Pedra Filosofal em seu estado final de perfeição, o ouro alquímico, que é não apenas o metal nobre, mas a matéria transfigurada, transparente à luz do espírito.

A Grande Obra Alquímica (*Magnum Opus*) é descrita em três fases: a *nigredo* (obra em negro), a *albedo* (obra em branco) e a *rubedo* (obra em vermelho). A Jerusalém Celeste corresponde à fase final, a *rubedo*, em que a matéria prima inicialmente obscura e caótica, foi purificada, iluminada e finalmente transmutada em ouro. A cidade que desce do céu é a pedra filosofal em sua dimensão cósmica: não a transmutação de um metal individual, mas a transmutação de toda a criação.

5.2. A Noiva Alquímica

A imagem apocalíptica da cidade-noiva tem um paralelo exato na simbólica alquímica do *connubium chymicum*, o casamento químico. Na tradição alquímica, a Grande Obra é descrita como o casamento entre o Rei Vermelho (o princípio masculino, solar, enxofre) e a Rainha Branca (o princípio feminino, lunar, mercúrio). Dessa união nasce o Rebis, o ser andrógino, a pedra perfeita, que contém em si todos os opostos reconciliados.

A Jerusalém Celeste, como noiva do Cordeiro, é o feminino cósmico, a *anima mundi*, a alma do mundo que se une ao masculino divino na consumação da Grande Obra cósmica. A cidade adornada como noiva é a matéria universal purificada e transfigurada, pronta para o matrimônio místico com o espírito.

VI. A Visão Rosa-Cruz e a Casa do Espírito Santo

6.1. A Cidade Invisível

A tradição rosa-cruz, que emerge publicamente no início do século XVII com a publicação da *Fama Fraternitatis* (1614) e da *Confessio Fraternitatis* (1615), oferece uma leitura distinta da Jerusalém Celeste. Para os rosa-cruzes, a cidade celestial não é apenas um símbolo escatológico ou um arquétipo psicológico; é uma realidade espiritual presente e acessível, uma cidade invisível que coexiste com o mundo visível, mas que só pode ser percebida por aqueles que despertaram a percepção espiritual.

A *Casa do Espírito Santo*, mencionada nos manifestos rosa-cruzes, é frequentemente identificada com a Jerusalém Celeste. Ela é descrita como uma morada interior, construída no coração do iniciado, onde a presença divina habita permanentemente. Essa casa não é feita por mãos humanas; ela é revelada pela graça e pelo trabalho

espiritual, como o Templo de Salomão que se revela como Jerusalém Celeste quando o véu do símbolo é rasgado.

6.2. A Rosacruz e a Rosa da Cruz

O símbolo rosa-cruz — uma rosa florescendo no centro de uma cruz — tem uma relação direta com a simbologia da Jerusalém Celeste. A cruz representa o eixo vertical da manifestação — o descendimento do divino ao humano, a encarnação, o sacrifício. A rosa representa o florescimento do espírito no coração da matéria — a transmutação, a beleza que emerge da dor, a vida que brota da morte.

Na Jerusalém Celeste, esses dois símbolos convergem: a cidade desce do céu (cruz — o eixo vertical) e nela cresce a Árvore da Vida cujas folhas curam as nações (rosa — o florescimento do espírito). A rosa que floresce no centro da cruz é a cidade que desce do céu: o divino que se manifesta no coração do humano, a eternidade que irrompe no tempo.

6.3. A Fraternidade Invisível e a Cidade

A *Fama Fraternitatis* descreve a Irmandade da Rosa-Cruz como uma comunidade invisível de sábios que trabalham secretamente pela transformação do mundo. Essa fraternidade é, em certo sentido, a população da Jerusalém Celeste — os cidadãos da cidade invisível, que vivem no mundo mas não são do mundo, que trabalham na construção da cidade sem revelar sua identidade.

A conexão entre a fraternidade invisível e a Jerusalém Celeste estabelece uma dimensão comunitária que é central para a tradição rosa-cruz. A cidade celestial não é apenas uma realidade individual, uma alma que se transforma em templo, mas uma realidade coletiva: uma comunidade de almas transfiguradas que formam, juntas, o corpo místico da cidade. Cada rosa-cruz é uma pedra da Jerusalém Celeste; a fraternidade invisível é a cidade em construção.

VII. Síntese: A Unidade das Tradições

8.1. A Cidade como Símbolo Integrador

Ao percorrer essas várias visões, a bíblico-mística, a cabalística, a maçônica, a hermético-alquímica e a rosa-cruz, torna-se evidente que, apesar das diferenças de vocabulário, de ênfase e de contexto cultural, todas descrevem fundamentalmente a mesma realidade. A Jerusalém Celeste é, em todas as tradições:

- Um estado de consciência transfigurada, a alma humana purificada e iluminada, que se tornou transparente à luz divina.
- Uma realidade cósmica, a criação inteira restaurada à sua perfeição original, com todas as fragmentações curadas e todos os opostos reconciliados.

- Uma comunidade e não uma realidade solitária, mas uma fraternidade de almas transfiguradas, uma cidade de cidadãos celestes.
- Uma consumação o ponto final de um processo, a obra completada, o Templo acabado, a Pedra perfeita, o Tikkun realizado.
- Um presente, não apenas uma promessa futura, mas uma realidade que pode ser antecipada e vivida agora, na experiência mística, no trabalho iniciático, na prática espiritual.

8.4. A Cidade que Somos

Talvez a conclusão mais profunda que se pode tirar deste percurso seja esta: a Jerusalém Celeste não é um lugar para onde vamos, mas um lugar que somos chamados a ser. Cada alma humana é uma Jerusalém em potencial. Cada ato de amor, cada gesto de justiça, cada momento de contemplação é uma pedra assentada na cidade. Cada sofrimento aceito com sentido, cada sacrifício (sacro ofício) oferecido com amor é uma porta aberta na muralha da cidade.

A Cruz de Santo André, com seu X de encontro e cruzamento, permanece como o símbolo mais eloquente desse mistério: a cidade celeste se constrói no ponto exato onde o céu toca a terra, onde o divino encontra o humano, onde a graça e o esforço se cruzam e, desse cruzamento, brota a vida eterna.

Val.: de São Paulo, 18/07/2026 E.:C.:

Irm.: Aharon HaKohen 33.: